



# ERRÂNCIAS E MARCHAS

## AMOROSAS:

um ensaio sobre percursos trilhados  
na Vida, no Teatro e na Escola

TISSIANA DOS SANTOS CARVALHÊDO

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC/UDESC), desenvolve a pesquisa *"As lições do mestre Pazzini: criando territórios transgressores para o pensar/fazer Teatro na Escola"* (2021 a 2025), sob orientação do professor Dr. Vicente Concílio, co-orientação do professor Dr. Arão Nogueira Paranaguá de Santana, contando com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

## **RESUMO**

Por meio desta escrita ensaística, faço uma releitura de percursos que foram trilhados na vida, no teatro e na escola, sob a lente de noções de errância e amor, com o auxílio de Paulo Freire (1989, 2019), bell hooks (2021) e Walter Kohan (2019). Proponho-me a pensar sobre a experiência de me fazer professora de Teatro, um processo de formação errante, que tem a ver com habitar a mim mesma, meus tempos e desvios. Trago relato de situações vividas como docente em Artes, em uma instituição formal de Educação Básica, para problematizar sobre o desafio que é habitar a Escola. Neste jogo, político, estético e pedagógico, o amor como atitude de luta tem me ajudado a construir relações e espaços – físicos e simbólicos.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Ensino de Teatro. Escola. Errância. Amor.

## **WANDERINGS AND LOVE MARCHES: an essay on paths taken in Life, Theater and School**

### **ABSTRACT**

*Through this essay writing, I re-read paths that were taken in life, in theater and at school, under the lens of notions of wandering and love, with the help of Paulo Freire (1989, 2019), bell hooks (2021) and Walter Kohan (2019). I propose to think about the experience of becoming a Theater Teacher, a wandering training process, which has to do with inhabiting myself, my times and deviations. I bring an account of situations experienced as an Art teacher, in a formal institution of Basic Education, to discuss the challenge of inhabiting the School. In this political, aesthetic and pedagogical game, love as a fighting attitude has helped me build relationships and spaces – physical and symbolic.*

### **KEYWORDS:**

*Theater teaching. School. Wandering. Love.*



– Manhêe, quero ser atriz! – Filha, não é uma  
escolha fácil... mas o importante é ser feliz.

(Sabedoria que o amor nos dá)

Graduação, término de Interpretação I e diante  
de mim: uma rosa acompanhada de uma carta  
convidando a entrar no coletivo Cena Aberta.

(o amor convida a estar junto)

Em cena, em aula, trânsito, aprender,  
ensinar... Até chegar: escola pública! Primeira  
experiência com uma turma de crianças: jogo  
de montagem de uma máquina de engrenagem  
com corpos, peguei de algum livro. Piscar de  
olhos. Espera! Uma aluna ensaia pisar sobre  
a cabeça da outra. Crianças aos risos.

(Cadê o amor)

Não-saber, frustração, evasão. Saí de cena, saí  
da aula, fui pro mundo da comunicação: fatos,  
notícias, palavras, imagem, disputa de narrativas,  
poder! Mas...ei, peraí, e minha voz, cadê?

(Exílio de mim)

Adoecimento. Lúpus. Pausa. Espelho.  
Rompimentos...até que corpo pede pra  
voltar pra casa, no teatro que me pari,  
me conheci. Reencontros, afetos, teatro,  
aula, volto a habitar em mim.

Como professora de teatro, renasci.



---

## Escrevi esse poema

num dia povoado de pensamentos sobre o ensino do Teatro e a formação de professores<sup>1</sup>, nutrindo o desejo de cruzar leituras e experiências vividas na academia com minhas andanças na vida, na arte e na escola. Pergunto a mim mesma: há uma relação entre as escolhas em Pedagogias do Teatro e as experiências da vida? Quais? Este texto materializa o movimento de elaborar reflexões a partir de perguntas, entendendo a escrita como um ato de pensamento, inconcluso, em processo, no qual posso acessar meus afetos, minhas memórias, saberes e, também, expor incertezas e não saberes.

Então, querida leitora, querido leitor, espero que esta escrita ensaística possa nos servir como ponte, promovendo conexões, encontros em algum lugar deste mundo-pensamento. Na paisagem: Escola, ensinar/aprender Teatro, errância, amor e o que você puder trazer para compor comigo. Alguns pensadores trago como referências, ao longo desta escrita-experiência, e um deles é o filósofo e educador Paulo Freire – que ainda resiste como Patrono da Educação Brasileira, mesmo após ondas de rejeição a sua figura provocadas por um movimento de manipulação da opinião pública, deflagrado por um segmento político-partidário da direita.

O livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (Freire, 1989) me ensina que os atos de ler o mundo e ler as letras se retroalimentam, são atos políticos e também atos de criação, e que devem estar a favor da expansão das consciências. Atualmente, as leituras e os diálogos que vivencio sobre os conceitos de errância e de amor, assim como as aventuras pela escrita narrativa, têm me provocado a reler meu contexto, como professora de Teatro, a olhar, de forma distanciada, para as experiências de ensinar/aprender Teatro na Escola. Há amorosidade e errâncias em meu percurso? Onde? Como se dão? O que esses conceitos em forma de “lentes” para reler o mundo me trazem de conhecimentos? Para onde eles me movem, quando me proponho a pensar as pedagogias do Teatro? Essas perguntas passam por nós, como as águas que passam debaixo daquela ponte-convite em que podemos nos encontrar. Não há pressa nelas, mas, sim, constância; elas estão ali, vão nos acompanhar, não há como e nem por que desprezá-las: elas dão movimento às paisagens que habitamos.

---

<sup>1</sup> Quando escrevi este ensaio, estava cursando a disciplina “Ensino do Teatro e Formação de Professores (as) – encontros com o texto”, ministrada em 2023.2, pela professora Dra. Heloise Baurich Vidor.



# A ERRÂNCIA TAMBÉM É BUSCA POR HABITAR SEU PRÓPRIO TEMPO

Permita-me que me apresente a mim e a um pouco do meu mundo.

Atuo como Professora de Teatro no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, em um *campus* agrícola numa cidade chamada Codó<sup>2</sup>. É uma escola com uma paisagem natural arrebatadora, uma mistura de cerrado e mata dos cocais, numa área imensa de 210 hectares. Uma instituição que foi criada como escola agrotécnica, em 1993, dentro de um sistema tecnicista, escola-fazenda, resquício da ditadura militar brasileira (1964 a 1985)<sup>3</sup>.

## IMAGEM 1

Visão aérea do terreno do campus Codó. Fonte: Antonio Alisson Fernandes Simplicio.



**2** Ingressei no IFMA, em 2016, para o cargo efetivo de professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, designada para a matéria/disciplina Artes, a qual desenvolvo, convergindo para a linguagem das Artes Cênicas, área em que fui habilitada por formação pelo curso de Licenciatura em Educação Artística da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. A escola tem cerca de 1.500 estudantes matriculados, distribuídos entre os 4 cursos técnicos de nível médio/técnico em Agroindústria, Agropecuária, Informática, Meio Ambiente; as 6 graduações; e 1 especialização. Sou a única docente na área de Artes e ministro disciplinas para as 21 turmas dos cursos médio/técnicos (diurnas e noturnas). Também atuo de forma extracurricular, coordenando o coletivo teatral Incanturias em Cena, com estudantes de vários cursos, egressos, além de pessoas da comunidade codoense, realizando atividades de pesquisa (laboratoriais) e de criação cênica no período noturno. Desde 2021, estou afastada para os estudos do doutorado.

**3** Em 2008, quinze anos depois, a escola passa



A Escola está situada na zona rural de Codó, uma cidade formada por descendentes de povos indígenas, de africanos e de europeus, com população composta majoritariamente por pessoas pretas e pobres<sup>4</sup>. Quando conto que moro e trabalho em um município chamado Codó, as pessoas geralmente estranham e perguntam o porquê do nome. Bom, existem muitas histórias. Uma delas é a de que vem da palavra Codozinho, nome de um dos rios afluentes que deságuam no Itapecuru, que é um grande rio que banha essa região maranhense.

Chego em Codó como alguém de fora, errante, alguém que veio da capital, São Luís, para assumir o cargo de Professora de Arte. Inicialmente, fiquei um ano percorrendo duas vezes por semana a distância de 310 km entre as duas cidades. Nesse deslocamento semanal, transitava entre *geografias*, culturas, relações e afetos diferentes. Foi um movimento que me fez sentir estrangeira, solitária, perdida, mas que, também, me permitiu observar e habitar em mim.

Um certo dia, após chegar de São Luís, debaixo do chuveiro, cronometrando o tempo do relógio para ir dar aula, percebi meu corpo sendo lavado por lágrimas – era o desejo de pousar, fincar raízes. Aquele momento me fez decidir mudar com a família para residir em Codó; necessitava de tempo de presença para habitar os espaços da cidade e da escola.

Esse fato me faz pensar na relação que tecemos com o tempo. Uma errância sem o tempo do agora (*kairós*) e o tempo do pensamento e da Arte (*aión*) pode não frutificar. Para estar em presença naquela escola, para ensinar/aprender Teatro, tive que fazer mudanças de vida que me permitissem recuperar, em meu cotidiano, tempos mais dilatados, tempos em que relações poderiam ser tecidas. E é nesses tempos que extrapolam os ponteiros dos relógios que conseguimos olhar, escutar e habitar a nós mesmos. Sim, mas o que isso tem a ver com o ensino do Teatro? A meu ver, nada e tudo ao mesmo tempo. Nada direta e pragmaticamente, mas tudo filosoficamente, pois...

[é possível] aprender as letras, a ler e escrever, o que quer que seja de qualquer disciplina, de Matemática, História, Geografia, o que for; mas se não aprendemos a habitar de modo próprio o sentimento das relações que nos habitam, o que poderemos fazer de significativo e vital com esses saberes aprendidos? (Kohan, 2019, p. 132).

a fazer parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criada pela Lei nº 11.892, passando a reunir em uma só rede todas as Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs), os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), as Unidades descentralizadas de ensino (UNEDs), Escolas Técnicas Federais (ETFs) e escolas vinculadas a universidades.,

**4** Codó apresenta fortes manifestações da cultura afro-brasileira, a exemplo do terecô, religião caracterizada pela posse ou incorporação de entidades. Segundo Ahlert (2013, p.18-19), “O calendário de cultos dos quase 300 terreiros motiva a literatura antropológica a mencionar a cidade como “berço do terecô” e, a grande mídia, como “capital mundial da feitiçaria”.



Na minha caminhada, venho aprendendo que para educar é preciso estar na *errância* de habitar a si próprio, num processo vagaroso de busca, subjetivo, não linear, sem receitas, com várias camadas, mundos, inclusive o onírico. Vou contar um sonho que tive assim que soube, em 2016, que daria aulas na cidade banhada pelo rio Codozinho: eu entrava em uma sala pequena, pintada de um azul suave e já envelhecido. Ela era repleta de estantes de livros, uma espécie de biblioteca de pequeno porte. Havia mesas de estudos e janelas de vidro que davam a ver que do lado de fora não existia nada, era como se estivesse numa biblioteca suspensa no ar, sem nada em volta. Eu andava entre as estantes, pegava em alguns livros, mas não conseguia deter minha atenção em nada, era como se estivesse inquieta, querendo entender o porquê de estar ali. Até que uma voz sem corpo chega até mim e diz: “Codó, para você, será como uma grande escola”. E de fato tem sido. Embora não haja nada estabilizado, é como se tudo estivesse sempre sendo feito e refeito.

Como tento trazer no poema que inicia este texto, vamos nos construindo nos atropelos da caminhada. Na adolescência, decidi que queria ser atriz. Ingressei em cursos técnicos e depois na Universidade Federal do Maranhão, onde não havia o Bacharelado em Teatro, me restando, então, o curso de Licenciatura. Ingressei no curso com a certeza de que não era bem aquilo que eu queria, até que, pelos meados do segundo ano da graduação, com a sensação de apenas vagar sem rumo, sou atravessada pelas experiências com o coletivo Cena Aberta, coordenado pelo professor Luiz Pazzini<sup>5</sup>. A partir dali, pelo exemplo desse mestre-encenador, comecei a nutrir o desejo não só de aprender Teatro, mas também de ensinar.

Contudo, após experiências frustrantes em sala de aula, acabei por fazer um desvio de rota e adentrei em outra área de conhecimento e de trabalho: Comunicação Social. Foi um desabitarme gradual, que culminou em adoecimento. Um erro de percurso? Talvez. Mas um erro que me fez ver por onde eu não queria trilhar e, também, entender o meu próprio modo errante de formação, sempre em busca. Como nos diz Paulo Freire: “E é exatamente porque nos tornamos capazes de nos saber inacabados que se abre para nós a possibilidade de nos inserir numa permanente busca” (Kohan, 2019, p. 143, *apud* Freire, 2013 [1995], p. 131).

---

**5** Paulista de nascença e maranhense de *vi-vença*, Luiz Roberto de Souza, mais conhecido como Pazzini, era ator, encenador e professor do Departamento de Arte – DEART, da UFMA. Lecionou por 23 anos nos cursos de Licenciatura em Educação Artística e Licenciatura em Teatro, sendo cofundador deste último; coordenou por 19 anos o grupo de pesquisa em teatro Cena Aberta, do qual participei entre 2005 e 2008.



# UMA ERRÂNCIA QUE ME LEVA A UM AMOR QUE É LUTA

Este relato, em que trago um pouco das errâncias da minha vida e da minha formação, é um convite para pensarmos nosso estar na escola como um estar errante. Sobre isso, o filósofo e professor argentino Walter Kohan propõe a seguinte reflexão:

[...] um educador é alguém que anda, caminha, se desloca. Sem um destino final, cria as condições para se encontrar com os que estão fora... num tempo presente, de presença. Um educador anda o mundo para mostrar que ele sempre pode ser de outra maneira” (Kohan, 2019, p. 143).

Não existem caminhos prontos para o ensinar/aprender Teatro na Escola. É na errância do não saber que vamos construindo. Sempre digo que, quando cheguei no campus Codó, a sensação que tive foi de adentrar em uma grande mata fechada, sem trilhas abertas. Você chega com referências de vida, referenciais estéticos, teóricos, repertório de jogos teatrais, pedagogias, expectativas, desejos, mas é no andar, vacilar, cair, levantar que os caminhos vão sendo abertos; ao nos depararmos com outros corpos, que trazem suas histórias, culturas e expectativas para o jogo. Só que, nos espaços formais de Educação, a atenção se volta apenas para o jogo pedagógico, suas relações, conteúdos, metodologias. E o jogo da relação entre professor/professor e direção? Entre nós e os colegas de outras áreas do conhecimento? Entre nós e os trabalhadores técnicos que fazem a escola funcionar? Quero falar desse jogo, que é interpessoal, mas também político, estético e pedagógico.

A delicadeza e complexidade dessas relações ficam evidentes quando nos vemos tratando de questões menos “românticas” da vida docente. Por exemplo: é esta sala que tenho disponível para dar aulas? Cinquenta minutos é tudo que tenho com essa turma durante a semana? As condições objetivas do nosso trabalho afetam nosso modo de pensar/fazer/ensinar Teatro na Escola. E, para “criar as condições” de que Kohan fala, precisamos travar muitas lutas.



No IFMA, além de encontrar entraves curriculares nos cursos médio/técnicos, percebi dificuldades estruturais, como a carência de salas adequadas para as aulas de Teatro – fato comum na maioria das escolas brasileiras. E por que não reivindicamos a criação de laboratórios artísticos em nossas escolas? Uma sala de Arte é um espaço tão importante e necessário quanto os laboratórios de Informática, de Matemática e das Ciências. Sim, há como driblarmos essa dificuldade espacial, afastando ou retirando as carteiras, ocupando espaços abertos da escola, mas essas estratégias não deveriam esmorecer a luta por espaços artísticos estruturados na escola, onde as carteiras não sejam itens obrigatórios, onde o piso seja adequado para as atividades no solo, onde seja possível utilizar equipamentos para trabalhar visualidades e sonoridades, onde as medidas espaciais permitam ao corpo mover-se com amplitude e liberdade.

Ao perceber que o campus Codó era imenso e que, além das salas convencionais, havia laboratórios técnicos para as áreas de Biologia, de Matemática, de Informática, de Tecnologia de Alimentos, de Educação Ambiental e de Solos, iniciei um processo de diálogo com a direção, comunicando os motivos pelos quais era importante que a escola tivesse também um espaço adequado para o Teatro. Após meses de conversas sem nenhum avanço, sob a justificativa de que não havia sala inutilizada que pudesse servir para este fim, estávamos eu e colegas da direção conversando num jardim onde dava para visualizarmos os blocos do Ensino Médio, do Ensino Superior e o campo de futebol, quando recebo mais uma negativa. Fiquei em silêncio por alguns instantes olhando a vastidão daquela estrutura de 11.642,98 m<sup>2</sup> de área construída e um pensamento inconformado saiu pela minha boca: “Vocês querem me convencer de que essa escola imensa não possui uma sala de aula disponível para Teatro?”. O tempo ficou em suspenso. Qualquer resposta contrária ali teria como contra-argumento, irrefutável, aquele nosso campo de visão: a enorme estrutura física da escola. Silêncio... Eis que surge um buraco no meio da mata acenando uma possível trilha: “Bem, professora, só se for a sala de mecanização. A senhora conhece? Onde guardamos os instrumentos musicais... Está há muito tempo fechada, teríamos que fazer alguns reparos...” Respondi prontamente: “Quero!” E aí é que a luta começa.

Após esse diálogo, meses se passaram sem que nada de prático fosse feito, até que, em mais uma conversa na sala dos professores, um colega me disse: “Protocola. Tudo aqui só funciona por escrito”. Pois bem, dito e feito, ou melhor, escrito e protocolado, assim o fiz. Escrevi uma carta intitulada “Exposição de obstáculos encontrados para o exercício da disciplina Arte no Ensino Básico” e enderecei em 20/10/2016 ao Departamento de Ensino, solicitando como condições estruturais



necessárias para o ensino de Teatro no *campus*: 1 – espaço físico; 2 – aumento de carga horária (de 1h/a para 2h/a semanais) e horários consecutivos – ao invés de fragmentados (um seguido ao outro); e 3 – disponibilização de uma caixa de som e um *datashow*, que pudessem ser mantidos na sala.

Alguns meses depois, sem receber nenhuma resposta à solicitação, recorri à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, submetendo um projeto ao Edital nº 03/2017 de Apoio ao Patrimônio Imaterial do Maranhão. Dentre as despesas de capital da proposta, estava a compra de linóleo para que fosse instalado na Sala de Ensaio – que até então não existia.

Depois de aprovada a proposta, comprei o material, transporte de São Luís a Codó, para só então decidirem ceder uma sala para as atividades de Arte, situada num dos prédios recuados, onde ainda funciona a garagem e a oficina de mecanização – na “periferia” do *campus*, algo bem simbólico que reflete o lugar que historicamente é dado ao ensino da Arte na Escola brasileira. Mas como é da periferia que vem a nossa força – como Nordeste, como povo preto e indígena, como mulher-mãe-professora, como escola pública na zona rural: da terra seca, nasceu árvore que deu frutos.

O linóleo foi instalado; as paredes, pintadas; o banheiro, reformado. Os professores se reuniram e compraram pufes em vez de cadeiras, e o espaço passou a funcionar como “Sala de Linguagens”, disponível a todos os professores da grande área *Linguagens*<sup>6</sup> (Arte, Língua Portuguesa, Literatura, Espanhol, Libras e Educação Física); nosso laboratório para aulas diferenciadas, apresentações culturais e reuniões do Grupo de Pesquisa em *Tradições Culturais* – GPTC.

Assim, é nesse espaço que ocorrem os encontros, os laboratórios e os ensaios do coletivo *Incanturias em Cena*; grupo de teatro, criado em 2016, composto por estudantes, matriculados, egressos e jovens da comunidade. Solicitação 1 solucionada. Quanto ao item 2, após reiteradas conversas com a Supervisão Pedagógica, hoje a disciplina Artes é ministrada semestralmente, e não mais anualmente, o que me permite dar 2 horas/aula semanais, ao invés de 1 hora. Entretanto, ainda sigo em conversas para que essa carga horária semanal seja organizada em horários seguidos, o que felizmente vem acontecendo, na maioria das vezes. Em relação ao pedido de equipamentos, nunca obtive qualquer resposta. Enfim, fazendo um balanço, podemos dizer que 50% das solicitações foram atendidas, as demais foram arquivadas, haja vista que o processo foi encerrado no sistema da instituição.

---

<sup>6</sup> Na área de Linguagens, conforme a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), estão inseridos quatro componentes: Língua Portuguesa, Línguas estrangeiras, Artes e Educação Física. A ideia é que os estudantes participem de diversas práticas de linguagem, ampliando suas potencialidades de expressão tanto artísticas quanto corporais e linguísticas.



Imagino que você, leitor, esteja se perguntando o porquê de esse relato exaustivo não vir como uma nota de rodapé. É que sigo inconformada com a invisibilidade destas lutas diárias e, por isso, quis trazê-las para o centro desta reflexão, pois as condições ambientais refletem diretamente na escolha do caminho pedagógico de uma aula e, também, no grau de abertura e entrega que podemos dar e receber dos estudantes. Esse jogo interpessoal e político dentro da escola também é estético/pedagógico e sócio-ambiental, à medida que vamos aos poucos educando toda a comunidade sobre o papel e o lugar da Arte no ambiente escolar. Construir relações, espaços – físicos, simbólicos – faz parte da errância que é estar na escola. Mas há outra dimensão importante dessas lutas: a do amor.

**IMAGEM 2  
E IMAGEM 3**

Sala de Linguagens  
em uso pelo grupo  
Incanturias em Cena.  
Fonte: Tissiana  
Carvalhêdo.

---

## **POR UM AMOR QUE SE CONVERTA EM AÇÃO**

Embora ainda seja tabu falar de *amor* em reflexões sobre a Educação, há quem se atreva a pensar, falar e viver o amor na Escola. O escritor francês Daniel Pennac, a partir de suas experiências de “fracasso” escolar, pensa o amor como atitude necessária para resgatar aqueles desacreditados de si, que são como andorinhas que desviam



da rota e caem no chão. Para ele, o amor é a atitude de ter esperança que elas voltarão a voar e prover quantas tentativas forem necessárias para que isso aconteça (Pennac, 2008, p. 236). Como professora e professor, é buscar ser presença encorajadora. Há também a visão de professor como um *amador*, como “alguém que ama seu tema ou matéria, que se preocupa com ela e presta atenção a ela” e que, por isso, busca atitudes e gestos de entusiasmo para envolver os estudantes (Masschelein e Simons, 2015, p. 77).

Essas visões em muito agregam à minha errância: pensar/fazer Teatro na Escola. No entanto, acredito ser urgente falarmos hoje de um amor que também é luta, que é a força que nos move nas silenciosas batalhas no dia a dia da escola, que reverbera em forma de cuidado, ética, responsabilidade e compromisso com o nosso fazer, um amor que marcha e reivindica mudanças para que a experiência do aprender seja a melhor possível.

Em vários de seus escritos e conversas/palestras transcritas, Paulo Freire nos convoca a um amor “pé no chão”, que é engajamento, inconformismo, capaz de empreender as mais diversas lutas pela transformação e pela libertação. Uma amorosidade que é “[...] compromisso político, militante, guerreiro. Ela exige luta, compromisso, ousadia” (Kohan, 2019 p.134). Um amor que se apresenta, antes de tudo, em forma de presença. O que tenho ensinado sobre Vida e Arte por meio da minha presença na escola? Nossas mais importantes lições são as que estão corporificadas no “estar sendo” professora e professor. Educamos pela presença, prática e exemplo:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres. O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica (Freire, 1996, p. 39).



As palavras de Paulo Freire me fazem pensar: o que comunico à comunidade escolar quando, como professora de Teatro, me conformo com qualquer proposta, espaço, horário, estrutura? Ou quando digo que ensino Teatro fazendo somente exposição oral sobre a História do Teatro ocidental? O que ensino quando submeto o discente a “estudar” sobre o corpo passando 50 minutos sentados em fileiras? O que estaria ensinando se me conformasse em estar numa escola científica e tecnológica com vários laboratórios disciplinares sem um espaço para a pesquisa da linguagem teatral e qual seria o lugar nessa escola para o desenvolvimento da criatividade, do pensamento abstrato...? Estaria, certamente, ensinando – sem dizer uma palavra – que a Arte é um conhecimento sem importância dentro do corpo de conhecimentos que integram o currículo escolar, estaria reproduzindo a colonialidade dos saberes que regem a nossa sociedade, que relega a Arte a uma função de entretenimento e produto de consumo.

Também me nutre a forma como a artista, educadora e teórica feminista bell hooks pensa o amor. Para essa autora, ensinar com amor é trazer para sua práxis componentes como comprometimento, responsabilidade, carinho, conhecimento, respeito e confiança (hooks, 2021, p. 208). Ou seja, assim como Paulo Freire, é um amor que se converte em ação. É um amor que funda uma epistemologia decolonial, amparado por um conhecimento que não perpassa pela objetividade como sinônimo de neutralidade, que não trabalha para manter o *status quo*. Trata-se de perspectiva que se constrói em comunidade; com escuta; subjetividade; polifonia – vozes em diálogo, vozes que podem discordar. Perpassa também por nutrir o estado emocional dos estudantes, pois o amor não nega que somos também emoção e que a acionamos na experiência do aprender.

Aprendi com o mestre Luiz Pazzini que é preciso trazer amor para o nosso fazer. No trecho abaixo, ele narra o início da experiência com o grupo teatral *Ya'wara*<sup>7</sup>, em 1996, e nos provoca a pensar sobre isso:

Um espaço foi cedido para o grupo. Quem cedeu o espaço? D. Helena. Poderia ter sido meu pai, o pai da Célida, do Edilton, da Giselle, da Mônica ou de qualquer outro parente do grupo, mas foi a tia do Guilherme. E Guilherme foi deixando suas marcas no espaço, capinou, gadanhou, plantou flores, abriu o espaço, abriu-o a outras interpretações sensoriais. Só olhar? Contemplar? Não, olhar, contemplar e transformá-lo, preenché-lo de significações. Se pegares um prego para pendurar uma toalha, com certeza, toda vez que pendurares a toalha naquele prego ou

---

**7** Esse grupo era formado por alunos do curso de Licenciatura em Educação Artística e docentes da UFMA, além de artistas da comunidade. Entre 1996 e 1998 montaram o texto *A Missão*, de Heiner Muller. O Cena Aberta, do qual fiz parte, só foi criado em 2001, perdurando até os dias atuais, mesmo após o falecimento de Pazzini, em 2020.



cabide, sentirás, com certeza, inconscientemente que fez algo pelo espaço onde elegeu para trabalhar seu corpo e sua alma de artista. Pode parecer banal o exemplo do prego, mas na educação integral de sua sensibilidade ele terá uma importância essencial. Creio nessas atitudes e atitudes são ações, não falas (logos) ou simples retóricas. Amor que dura é amor que se constrói passo a passo (Vasconcelos, 2022, p. 155 *apud* Pazzini, 1997, p. 1).

Um amor que se constrói a cada pequena passada, gesto, atitude. Pazzini me ensinou, pela força do exemplo de sua presença, como é revolucionário habitar os espaços, criar novos sentidos, deixar marcas. Em suas aulas, os alunos se sentiam cuidados, dados o preparo e a delicadeza dos detalhes previamente pensados que tornavam aquele momento único. É desse amor, em forma de cuidado, que se dá nas miudezas da labuta diária, que a escola necessita, um amor que é construído passo a passo, na força das relações entre pessoas.

---

## DAS ÁGUAS QUE ME MOVEM EM PEDAGOGIA TEATRAL

---

As águas que passam debaixo da ponte-convite, que fiz no início deste texto, continuam em fluxo, são moventes, assim como as perguntas que me fiz, assim também como o campo da Pedagogia Teatral. Perguntas que se movem como as águas do rio Codozinho. Talvez não nos apresentem respostas objetivas ou neutras para as provocações feitas sobre a relação entre escola, ensino de teatro, *errância* e *amor*. Talvez seja preciso mergulharmos no rio e conhecer no corpo as águas-perguntas, sentir a temperatura e a força de suas correntezas, para então nos indagar: quais águas me movem e por quê? Para onde? Como mover-me com elas?



Pensar a Pedagogia Teatral pelas lentes dos conceitos de amor e errância são minhas águas moventes, que num espiral misturam tempos e lugares distintos: passado/presente/futuro de vida/arte/escola. Tudo está conectado em meu fazer/pensar Teatro, pois a forma como performamos a existência afeta os modos de habitarmos o território Escola. Ou seja, nossos saberes pessoais dialogam com os saberes sociais que construímos e a percepção desse fato vem sendo potencializada pela via da escrita narrativa, que abre brechas da memória para que eu possa refletir e aprender com as experiências.

Como pegadas simbólicas, experiências e afetos vividos e sentidos criam espaços para interpretar aspectos de itinerários subjetivos e coletivos que, via reflexão sensível (ou sensibilidade reflexiva) podem ser transformados em aprendizagem (Souza, Martins e Tourinho, 2016, p. 9).

Esta escrita ensaística e memorialística me ajuda a tecer pensamentos mais corporificados, revelando um jogo de entrelaçamento entre Vida, Arte e Escola.

Relembrar sobre uma experiência de conquista de espaço adequado para aulas de Teatro na Escola é como uma porta que abre várias reflexões. O primeiro ponto que gostaria de destacar é que as Pedagogias do Teatro, como um campo plural, se constroem na experiência de habitar o território Escola. Uma artesanaria ao mesmo tempo subjetiva e coletiva que se dá na movência do ensinar/aprender teatro. Nesse processo não são acionados apenas saberes sociais, mas, também, saberes pessoais. Por exemplo: ao decidir fazer moradia em Codó e não apenas me deslocar semanalmente até a cidade para dar aulas, percebi que a minha relação com a cidade e com a escola ganhou um tempo de presença e afeto que me abriu a um movimento outro em relação à própria Pedagogia Teatral. Passei a me dispor a uma vagarosa busca em construir um caminho; já não tinha a pressa de antes, agora podia plantar, fincar raízes, estabelecer vínculos.

O segundo ponto é a relação entre errância e construção de caminhos para o pensar/fazer Teatro na Escola. A errância que aprendi com a vida tornou-se aliada no movimento de pesquisa e tateamento, que é próprio do nosso fazer como professoras e professores de teatro: um fazer que trabalha com conhecimento que se dá em processo de criação estética, repleto de descobertas, imprevisibilidades e incertezas; que acontece na relação com o outro e gera, frequentemente, uma ressignificação de conceitos basilares, como ensino, aprendizagem e conteúdo. Saber-me



errante me encorajou a correr riscos, a desviar dos caminhos usuais, isto é, a pensar o Teatro na Escola na perspectiva da experiência e não da “disciplina curricular”.

Contribuindo nessa seara, a professora e artista Carminda Mendes André, que lidera o Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias (CNPq), aponta o signo da invenção para compreendermos essa processualidade e repensarmos o discurso pedagógico e suas práticas: “[...] considera-se que o conhecimento [na perspectiva da invenção] tem as propriedades do acontecimento, cujas regras e categorias não são dadas, mas se estabelecem na produção das relações” (André, 2007, p. 120). Para um ensino de teatro que enfrente os desafios e complexidades da contemporaneidade, a autora sugere uma postura de não reprodução de metodologias, mas de invenção de caminhos, a partir do mergulho nos enredos do cotidiano da escola e de seus sujeitos, considerando a escola como produto cultural e como unidade produtora de culturas.

Um terceiro aspecto é o amor como atitude que persevera na inventividade de construir caminhos únicos de ensinar/aprender teatro, que se nutre de compromisso ético/estético/político para ressignificar os espaços/tempos da escola, mesmo encontrando inúmeras resistências na cultura institucional. Um amor que se materializa em ações de cuidado, luta e rebeldia nas várias frentes necessárias para que a experiência estética seja possível, o que abrange tanto a escolha de pressupostos político-pedagógicos, quanto a invenção de metodologias e procedimentos; assim como as relações que tecemos com os demais profissionais da instituição e as diversas lutas invisibilizadas para garantir que a presença do Teatro na Escola seja provocadora de novas sensibilidades, afetos e conhecimentos.

---

## REFERÊNCIAS

---

- » AHLERT, Martina. **Cidade relicário**: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). 2013, 282 f. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós – Graduação em Antropologia Social, Brasília, 2013.



- » ANDRÉ, Carminda Mendes. **O Teatro Pós-dramático na escola**. 2007, 206 f. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.
- » FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- » FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- » hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021. 300 p.
- » KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica**. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- » MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2016.
- » MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução Cristina Antunes. – 2ª ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- » PENNAC, Daniel. **Diário de Escola**. Tradução de Leny Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- » VASCONCELOS, Gisele. **O salto é belo, mas também o impulso**. Rascunhos, online, v.9, n.1, p. (51-68), jan./jun., 2022. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/58344>>. Acesso em: 12 jul. 2023.